

# jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo

Av. Espinheiro Castro, Alvaros, 55, tel.: 856-2122 (PAB)

11 NOV 1987

JORNAL DA TARDE

11 NOV 1987

JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO  
(1927 - 1969)

## Eu estou; mas quem não está?

11 NOV 1987

Comentar diariamente o processo de decomposição a que está submetido organismo político nacional vem-se tornando um exercício cada dia mais penoso e humilhante.

Sentimos cada vez mais a inutilidade de argumentar racionalmente a respeito de tudo que vem acontecendo desde o surgimento desta arcaica "Nova" República, porque já não há ninguém que esteja em dúvida neste país: de um lado estão os que praticam conscientemente a violência pura e simples contra a Nação; do outro estão os que têm plena consciência de que são vítimas desta violência sistemática. Os primeiros não têm dúvidas sobre o que querem fazer; apenas estão absolutamente convencidos de que o crime compensa. Os últimos não têm nenhuma dúvida sobre do que precisam livrar-se. Apenas não sabem como. Em absoluto estado de choque, a Nação ainda não encontrou a maneira de reagir contra os que se apoderaram das alavancas do Estado para manipulá-las em benefício próprio.

Assim partimos para o nosso trabalho diário de analisar aquilo que se chama de "política" no Brasil não mais com a preocupação, as esperanças e a confiança do médico, mas com a sensação mista de asco e de pena do legista principiante...

Que dizer deste senhor que insiste em ficar cinco anos num cargo que se recusa a exercer?

Diz-se que o poder corrompe, o poder absoluto corrompe absolutamente. Diríamos ainda mais: que é inútil alguém que nunca "esteve lá" tentar compreender a força de atração do poder — mesmo que, como é o caso, se trate de um poder putativo. Ela produz verdadeiras mutações — talvez até genéticas — que transformam o "iniciado" num ser totalmente diferente do comum dos mortais e de psicologia inacessível à compreensão destes. Por que, diabos, este homem quer tanto continuar por mais dois longos anos na triste posição daqueles patéticos bonecos de parque de diversões que ficam com a cara de "alvo" para as "boladas" dos passantes? O que espera de uma permanência ainda mais demorada na dolorosa posição da qual, como ele diz, diariamente tentam desequilibrá-lo?

No final da semana passada, quando a Nação aturdida o viu de volta às manchetes dos jornais, fazendo — entre uma telefonada "de negócios" e outra a constituintes e governadores com preços de ocasião — a sua declaração de guerra aos partidários do encurtamento do seu mandato, que passariam a ser considerados "seus inimigos pessoais", e pensamos em tudo que ele nos fez engolir ou permitiu que nos fizessem engolir, em nome deste maldito mandato — como a criminosíssima falsificação do Plano Cruzado que custou a saúde da economia brasileira, como o isolamento do Brasil da comunidade financeira internacional com a moratória, como o atraso da entrada do Brasil na era da tecnologia de ponta, como o fim da nossa precária segurança institucional feita pó pela atribuição de plenos poderes a uma Constituinte que não era para sê-lo, como a entrega do poder de fato à turma do licor de péra no lamentável episódio da "reforma ministerial", como a ameaça iminente aos empregos de milhares de brasileiros e de condenação eterna à marginalidade e à miséria contidas na idéia da "guerra santa" contra as multinacionais, etc. —, pensamos em lançar o slogan: "Quem não é inimigo do Sarney é inimigo do Brasil".

Mas quando nos perguntamos "o que diferencia estes que ele chama de inimigos, dele próprio, Sarney?", percebemos que fomos cometer uma injustiça. Afinal, quase nada em tudo isso foi idéia dele. O seu maior pecado, ao contrário, é ter deixado, sem reagir, no seu paranóico e enganado amor pelo mandato, que tudo isso nos fosse empurrado goela abaixo. Além do mais, o que diferencia um lado e outro

que custou a saúde da economia brasileira, como o isolamento do Brasil da comunidade financeira internacional com a moratória, como o atraso da entrada do Brasil na era da tecnologia de ponta, como o fim da nossa precária segurança institucional feita pô pela atribuição de plenos poderes a uma Constituinte que não era para sê-lo, como a entrega do poder de fato à turma do licor de pêra no lamentável episódio da "reforma ministerial", como a ameaça iminente aos empregos de milhares de brasileiros e de condenação eterna à marginalidade e à miséria contidas na idéia da "guerra santa" contra as multinacionais, etc. —, pensamos em lançar o slogan: "Quem não é inimigo do Sarney é inimigo do Brasil".

Mas quando nos perguntamos "o que diferencia estes que ele chama de inimigos, dele próprio, Sarney?", percebemos que fomos cometer uma injustiça. Afinal, quase nada em tudo isso foi idéia dele. O seu maior pecado, ao contrário, é ter deixado, sem reagir, no seu paranóico e enganado amor pelo mandato, que tudo isso nos fosse empurrado goela abaixo. Além do mais, o que diferencia um lado e outro quanto aos métodos? O Sarney só pode comprar aqueles que se colocam à venda. É verdade que não são poucos.

Como diria o Chico Anísio, "Eu estou, mas quem não está?" Quantos governadores, senadores, deputados e mais quem interessar possa, não participam do banquete em que o Brasil é servido em postas e não se servem, individualmente ou em grupo, sem olhar para ver se vai sobrar para os outros?

São como um cardume de tubarões no frenesi do sangue. Joga-se com tudo sem nenhum limite. Açulam-se "guerras internacionais" que todos sabem que não podemos ganhar; remexem-se feridas em que se arrisca atirar milhões de brasileiros contra milhões de brasileiros; compram-se pacotes de governadores de regiões inteiras, ostensivamente, com dinheiro ainda apenas prometido por bancos internacionais ainda ressabiados pelo calote recente; socorrem-se, às pamparras, empresas semifalidas de políticos-empresários; distribuem-se dezenas, centenas de milhares de cargos públicos numa Nação que já não consegue sustentar os já existentes; distribuem-se feudos inteiros, loteia-se, pública e ostensivamente, o País; entregam-se, às dezenas, a quem nunca foi do ramo, estações de rádio, concessões de televisões...

Tudo serve como moeda e tudo serve como argumento, menos o interesse nacional.

E na sua dolorosa orfandade — que, aliás, não é orfandade, é rejeição, é abandono — os brasileiros aqui de fora procuram um homem honesto, alguém, entre todos os que elegeram, que fuja à regra. Tentamos explicar pela insondável ignorância da maioria, pelo processo de seleção negativa que imperou durante os anos de abafamento político em que apenas para os piores a política era atraente e em que apenas aos piores entre os piores era possível permanecer entre as feras, a vergonhosa obscenidade de tudo isso.

Mas também entre os que têm a desculpa da ignorância e os que ostentam todos os títulos da cultura universitária não existem diferenças palpáveis. Não é, por exemplo, o professor Fernando Henrique Cardoso quem aparece no centro do escândalo em que se contorce atualmente a Cosipa, transformada, com todos os seus milhares de empregados com suas famílias, para não irmos mais longe, em objeto da cupidéz eleitoral de alguns dos luminares da "democracia" e da "transparência" peemedebista?

Como se estará sentindo o freqüentador de velha Sorbonne, ao ver diante do intelectualizado nariz o dedo em riste do líder sindical metalúrgico que lhe gritava que os operários da grande usina não admitem que o jogo das clientelas eleitorais determine quem vai dirigi-la?

E não é o senhor Bresser Pereira, também professor universitário, economista, homem viajado e familiarizado com a seriedade do trabalho no País real que, poucos meses depois de "Iniciado" no poder, se transformou na figura prepotente que considera "inimigos pessoais" os críticos de sua política e que lança mão da chantagem contra quem lhe contesta os abusos na Justiça?

O que esta gente está tentando provar não só ao mundo, mas também aos próprios brasileiros, é que nós não temos capacidade para sermos uma democracia. Mas vão quebrar a cara.

Refeita do estado de choque em que mergulhou diante desse espetáculo degradante, a Nação saberá demonstrar que eles estão totalmente alienados.

N da R: Este editorial já estava pronto quando, por 48 votos a 45, a Comissão de Sistematização aprovou a redução do mandato do presidente Sarney, com eleições em 88. Decisão que provavelmente se tornará definitiva quando da votação em plenário.